

Ministro explica estratégia

Helival Rios

Eliminar todos os artificialismos e deixar o mercado funcionar livremente. Esta é a essência da estratégia do Governo e que explica os últimos lances de política cambial e monetária, segundo esclareceu ontem o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, nas conversas telefônicas que manteve com empresários e políticos que procuraram seu gabinete no intuito de colher subsídios para melhor compreender o quê, de fato, está acontecendo com a política econômica. As explicações, neste mesmo tom, foram didaticamente detalhadas pelo ministro na abertura da reunião de ontem do Conselho Monetário Nacional (CMN).

Marcílio disse ao longo de todas as conversas, que para se entender melhor os lances estratégicos da política econômica oficial é preciso considerar que o presidente Collor determinou a retomada de todos os mecanismos capazes de instaurar no País uma economia típica de mercado, eliminando-se, mediante passos rápidos e firmes, toda e qualquer forma de artificialismo.

Artificialismo

O mercado de câmbio, da forma como vinha funcionando no País, apresentava, no entendimento do ministro Marcílio e no entendimento do presidente do Banco Central, Francisco Gros, um grave componente de artificialismo.

Dizia-se que o mercado era livre, mas, na verdade, era o Banco Central quem fixava as taxas do paralelo. Um esforço hercúleo para manter um deságio entre o paralelo e o comercial, vendendo e comprando ouro e dólar.

O custo desta política estava saindo caro. Nos últimos seis dias, o Banco Central perdeu US\$ 380 milhões de reservas internacionais. Os especuladores vinham fazendo uma **grande festa**, como denuncia o ministro Marcílio, ao relatar que, somente em julho, a Varig manteve cinco vôos por dia para Miami que, se somados aos vôos das outras companhias, dava um total de dez vôos por dia. Mas ninguém estava viajando para fazer negócios vinculados ao aumento da produção ou à caça de investidores estrangeiros para ampliar os negócios no Brasil. Não. Todo este movimento tinha caráter especulati-

vo. E o governo pagava a conta.

Esta política artificial foi montada pela ex-ministra Zélia. E agora, com o lance ousado do Banco Central, segundo se dizia ontem no Ministério da Economia, pode-se dizer que essa política começa a ser virtualmente desmontada.

Tranquilidade

O governo procura, neste momento, vender uma imagem de tranquilidade. Para um Produto Interno Bruto (PIB) estimado em US\$ 400 bilhões, todo o mercado de dólar paralelo não chega a US\$ 1 bilhão, segundo algumas estimativas do Banco Central. Em termos relativos, é um mercado importante, mas **um nada** em termos globais, representando somente 0,25% do PIB, sem poder de fogo suficiente para abalar o restante da economia. O poder desse mercado está muito mais nos efeitos psicológicos que provoca e no barulho que faz na Imprensa.

O número de pessoas que também se beneficiam ou se prejudicam com o mercado do dólar paralelo é também muito pequeno. São as pessoas físicas muito ricas (menos de 1% da população), grandes empresários e alguns médios empresários que desviam dinheiro da produção para a especulação, orientados por corretores e especuladores profissionais que ganham comissão sobre as **jogadas** que fazem.

Na realidade, no Brasil de hoje, qualquer um pode virar especulador. Basta que tenha algum dinheiro disponível. Os riscos, segundo o ministro Marcílio, dada as taxas de juros de antes desta segunda-feira, eram zero para os que especulavam com o câmbio ou com o ouro. Agora, o custo passa a ser de 20 pontos acima da inflação. Quem jogar e errar no lance, dependendo do valor jogado, quebra.

Choque? Congelamento? Hiperinflação feita de propósito? Segundo o ministro Marcílio, nada disso acontecerá. E quem apostar um lance ousado nessa hipótese vai quebrar, vai sair do mercado. O empresário que quiser bancar essa aposta em valores elevados, é bom preparar também a carteira de trabalho, porque pode precisar dela — dizia-se ontem em tom de blague, numa conversa entre assessores do ministro.